

FILOLOGIA EM DIÁLOGO

DESCENTRAMENTOS CULTURAIS E EPISTEMOLÓGICOS

Risonete Batista de Souza

Rosa Borges

Isabela Santos de Almeida

Débora de Souza

(Organizadoras)



IX SEMINÁRIO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS – SEF
FILOGIA EM DIÁLOGO: DESCENTRAMENTOS
CULTURAIS E EPISTEMOLÓGICOS

ANAIS

Realizado de 05 a 07 de setembro de 2018

Universidade Federal da Bahia

Coordenação

Risonete Batista de Souza
Célia Marques Telles

Professora Homenageada

Rosa Borges

Organizado por
Risonete Batista de Souza
Rosa Borges
Isabela Santos de Almeida
Débora de Souza

Salvador
2020

FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral: Risonete Batista de Souza

Projeto Gráfico e Diagramação: Lívia Borges Souza Magalhães

Organização: Risonete Batista de Souza, Rosa Borges, Isabela Santos de Almeida, Débora de Souza

Este livro é uma realização do Grupo de Pesquisa Nova Studia Philologica (CNPq-UFBA), do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da UFBA, do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras da UFBA e contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, da Universidade do Estado da Bahia, da Universidade Estadual de Feira de Santana, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UEFS, da Edufba e do Memória e Arte.

S471 Seminário de Estudos Filológicos – SEF (9. : 2018 : Salvador, BA).
Anais do IX Seminário de Estudos Filológicos / organizado por
Risonete Batista de Souza... [et al.]. – Salvador : Memória & arte, 2020.
717 p.

ISBN: 978-65-87693-01-9

1. Filologia. 2. Crítica textual. I. Souza, Risonete Batista de. II.
Título.

CDD 400 – 21. ed.

Ficha catalográfica: Letícia Oliveira de Araújo CRB5/1836

UM OLHAR FILOLÓGICO PARA O PRIMEIRO INVENTÁRIO DO “LIVRO DE INVENTÁRIOS DA CATEDRAL DE MARIANA”: ANOTAÇÕES CODICOLÓGICAS

Marcus Vinícius Pereira das Dores¹

Somos muito solitários nas inúmeras horas de pesquisa com manuscritos velhos (por vezes empoeirados), nas frustrantes tentativas de compreensão das caligrafias, nas leituras interrompidas pelas rasuras, nas dificuldades de acesso aos documentos de processo e de sua publicação [...]. (GAMA, 2017, p. 135)

1 INTRODUÇÃO

À luz dos dizeres da pesquisadora em Crítica Genética Mônica Gama, queremos, neste trabalho, sair da solidão e apresentar as características codicológicas do primeiro inventário de bens registrado no *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*. Por meio da nossa análise, será possível fazer conhecer e recuperar algumas características materiais do manuscrito mesmo sem acesso à sua versão original.

O *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* – objeto de nossa pesquisa de mestrado – registra, em mais de 300 páginas, todo o patrimônio material da Catedral da Sé de Mariana (MG), aproximadamente, desde o início da Diocese de Mariana (1748) até quando a diocese foi elevada à categoria de arquidiocese (1906). Contudo, neste artigo, trataremos apenas do primeiro inventário, de 1749, registrado no livro ora citado.

Sobre a importância cultural e social de textos manuscritos, Cambraia (2017, p. XIV) vai dizer que

[u]m dos aspectos mais fascinantes da história da cultura é o processo de sua transmissão através de textos escritos: esses registros, sujeitos às mais variadas adversidades (desde a fragilidade do próprio suporte físico até as acirradas censuras ideológicas), conseguem atravessar tempo e espaço, dando a conhecer hoje vivências do passado.

¹ Graduado em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente, desenvolve pesquisa na área de Linguística teórica e descritiva sob orientação da Profa. Dra. Alexia Teles Duchowny com bolsa do CNPq (Processo: 133813/2017-7). E-mail: marcusdores@gmail.com.

Este trabalho está dividido da seguinte maneira: em um primeiro momento, abordaremos questões relacionadas ao gênero inventário e o seu formato padrão. Depois, apresentaremos as normas utilizadas para a edição do texto acompanhadas das edições *fac-similar* e conservadora do primeiro fôlio do manuscrito. Destacaremos, também, algumas marcas paleográficas presentes no manuscrito em questão. Por fim, apontaremos o valor documental do inventário para a memória social da Arquidiocese de Mariana.

2 O GÊNERO INVENTÁRIO

Por meio de uma visão histórica, a espécie documental que aqui apresentamos, segundo Acioli (2003, p. 1) pode ser “considerado a mola-mestra da História, [...] representando o melhor testemunho do passado, fonte direta de informação básica para o estudo da História”. Com um olhar diacrônico, voltamos as nossas atenções, de maneira mais específica, à história da igreja Catedral da Sé do primeiro bispado de Minas Gerais.

Para discorrer sobre o gênero inventário, recorremo-nos às palavras de outra historiadora, a Professora Maria Helena Ochi Flexor, que vai dizer que esse tipo de documento apresenta um “caráter jurídico-civil aparentemente simples, mas que pode revelar informações de ordem econômica, cultural, educacional, religiosa, política e administrativa de um grupo social” (FLEXOR, 2009, p. 29). De fato, é o que percebemos ao analisar o manuscrito que estamos a tratar. Formalmente, ele possui uma estrutura básica: abertura, rolamento e descrição dos bens, avaliação dos bens e termo de entrega.

A seguir, a fim de dar a conhecer um pouco mais do Primeiro inventário registrado no *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*, apresentamos uma descrição codicológica tendo como base a proposta de Cambraia (2005).

Quadro 1: Ficha codicológica do primeiro inventário

Cota	BR AEAM - Inventário, P16.
Documento	Primeiro inventário registrado no Livro de Inventários da Catedral de Mariana (MG).
Identificação	“Inventario dos ornamentos, emaisbens, q. vieraõ de Lisboa p. ^a esta Cathedral de Marianna;” (Fl. 1r.)
Data	1749; Termo de entrega de 15 de janeiro de 1779.
Local	Cidade de Mariana.
Suporte material	Caderno em papel encorpado, sem linha e sem marca d’água. As páginas encontram-se amareladas, mas a preservação do documento é muito boa.
Composição	9 fólhos (recto e verso).
Dimensão do fólho	0,35 x 0,24 m.
Organização da página	Texto escrito em uma única coluna, com presença de reclames no canto inferior direito ao final de alguns fólhos.
Numeração	A numeração foi incluída, posteriormente, por outro punho e com tinta de tipo diferente.
Assinaturas	Presença das assinaturas do escrivão, do tesoureiro mor, do sacristão e das testemunhas.
Intervenção de terceiros	Presença de marcações escritas feitas por outro punho com caneta do tipo esferográfica.
Estado do documento	O manuscrito está em ótimo estado de conservação; bordas parcialmente deterioradas; ocorrência reduzida de opistografia, que, por sua vez, não inviabiliza a leitura do documento.
Escrita	Mistura de letra manuscrita de forma e cursiva.
Língua	Portuguesa.

Fonte: elaboração do autor.

3 NORMAS E EDIÇÕES

Documentos manuscritos são utilizados, em diferentes áreas do conhecimento, como fontes de pesquisa. Cada área, de acordo com os seus objetivos, deverá tratar o texto de uma forma. Mattos e Silva (2008, p. 15), argumentando sobre a realização de pesquisas

linguísticas por meio de textos manuscritos, vai dizer que, nesse caso, “[...] a edição tem de ter sido feita com rigor filológico e com o objetivo claro de servir a estudos linguísticos [...]”.

Ainda sobre a edição do manuscrito, mesmo na área da linguística, diferentes caminhos podem ser tomados. Há quem opte por edições conservadoras (mais fiéis ao original) e há quem prefira, a depender da pesquisa, as edições modernizadoras (mais livres). Sobre qual tipo de edição escolher, Lose e Telles (2017, p. 277) assumem a seguinte posição: “O mais importante dentro do comportamento metodológico do editor é ter como ponto de partida, sempre, uma lição conservadora, que vai permitir na sequência preparar o texto para o tipo de edição escolhida”.

A seguir, apresentaremos as normas que utilizamos para transcrição do Primeiro Inventário da Catedral de Mariana, seguidas da transcrição do primeiro fólio do manuscrito segundo as normas propostas.

3.1 NORMAS DE EDIÇÃO

As normas adotadas para a transcrição do documento tiveram como base o modelo proposto por Mattos e Silva (2001).

1. A transcrição será conservadora.
2. As abreviaturas não serão desenvolvidas.
3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: “eguarnição” “deouro”; “deDamasco”; “emesma” “amare llo”.
4. A pontuação original será mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba será marcado [espaço]. Exemplo: “que podem prejudicar. [espaço] Osdias passã eninguemcomparece”. A sinalização [espaço] não se aplica aos espaços em cabeçalhos, títulos e/ou rótulos de seções de periódicos, fórmulas de saudação/encerramento ou na reprodução de diálogos, devendo o editor estabelecer o intervalo conforme o original.

5. A acentuação original será mantida. Exemplos: “aRepublica”; “docommercio”; “edemarcando tambem lugar; “vêos”; “jacaranda”; “deTafetâ”; “Tres”; “fomos a ele”; “fomos á ele”; “fomos à ele”. Os sinais de separação de sílaba ou de linha, usados pelos autores dos diversos documentos, serão mantidos como no original. Exemplos: “atira- l mos” e “atira= l mos”.

6. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.

7. Inserções do escriba ou do copista, para não conferir à mancha gráfica um aspecto demasiado denso, obedecem aos seguintes critérios:

a) Se na entrelinha do documento original, entram na edição em alinhamento normal e entre os sinais: < >; <↑>, se na entrelinha superior; <↓>, se na entrelinha inferior. Por exemplo: “em dezembro recebi <↑todos> os senadores em casa”. Se houver palavra(s) riscada(s) abaixo da inserção, deverá haver menção ou, conforme sua legibilidade, transcrição em nota de rodapé. Exemplos, “Nota 1: abaixo de <↑todos> há palavra suprimida”; “Nota 2: abaixo de <↑todos> foi riscado ‘dentre’.”

b) Se nas margens superior, laterais ou inferior, entram na edição entre os sinais < >, na localização indicada. Exemplo: <fica definido que olugar convencionado é acasa dePedro nolargo damatriz>. Caso seja necessário, ficará em nota de rodapé a devida descrição da direção de escritura ou quaisquer outras especificidades. Exemplo: “nota 1: Escrito verticalmente de cima para baixo”.

8. Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas. Exemplos: “todos ~~ninguem~~ dos presentes assignarom; sahiram ~~sahiram~~ aspresas para oadro”.

9. Intervenções de terceiros no documento original serão transcritas entre os sinais << >>, na localização indicada, seguidas de nota de rodapé informando-se a localização.

10. Intervenções do editor hão de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre parênteses. Exemplo: “não deixe passar neste (registro)

de Areas". Quando houver dúvida sobre a decifração de alguma letra, parte de ou vocábulo inteiro, o elemento em questão será posto entre parênteses e em itálico. Exemplos: ent(*re*)gue o (*rapaz*); "faça venda a duas b(*arric*)as de vinho".

11. Letra ou palavra(s) não legíveis por deterioração ou rasura justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [.] para letras, [ilegível] para vocábulos e [ilegível. + n linhas] para a extensão de trechos maiores. Exemplos: "É assim pe[.]r."; "É assim [ilegível.] em Java"; "É assim [ilegível + 2 linhas] em Havana." Caso suponha ser extremamente necessário, o editor indica em nota a causa da ilegibilidade: corroído, furo, borrão, rasura etc.

12. Letra ou palavra(s) simplesmente não decifradas, sem deterioração do suporte, justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [?] para letras, [*inint.*] para vocábulos e [*inint.* + n linhas] para a extensão de trechos maiores. Exemplos: "É assim pe[?]r."; "É assim [*inint.*] em Java"; "É assim [*inint.* + 2 linhas] em Havana."

13. A divisão das linhas do documento original será preservada, ao longo do texto, na edição. A distribuição espacial na mancha de escrita também será o mais fiel possível ao original.

14. As páginas serão numeradas de acordo com o documento original, indicadas, nesse caso, entre duas barras verticais, além de apresentar o estado do fólio. Se o original não for numerado ou estiver ilegível a sua numeração, os números acrescentados serão impressos entre colchetes. Exemplos: ||fl.1r. ||, [fl. 1v].

15. Na edição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita de maneira contínua por documento.

16. Os sinais públicos, diferentemente das assinaturas e rubricas simples, serão sublinhados e indicados entre colchetes. Exemplos: assinatura simples, Bernardo Jose de Lorena; sinal público, [Bernardo Jose de Lorena].

17. Informações que o editor julgar significativas sobre a diagramação e *layout* do texto devem aparecer em nota de rodapé.

3.2 EDIÇÕES FAC-SIMILAR E CONSERVADORA DO PRIMEIRO FÓLIO

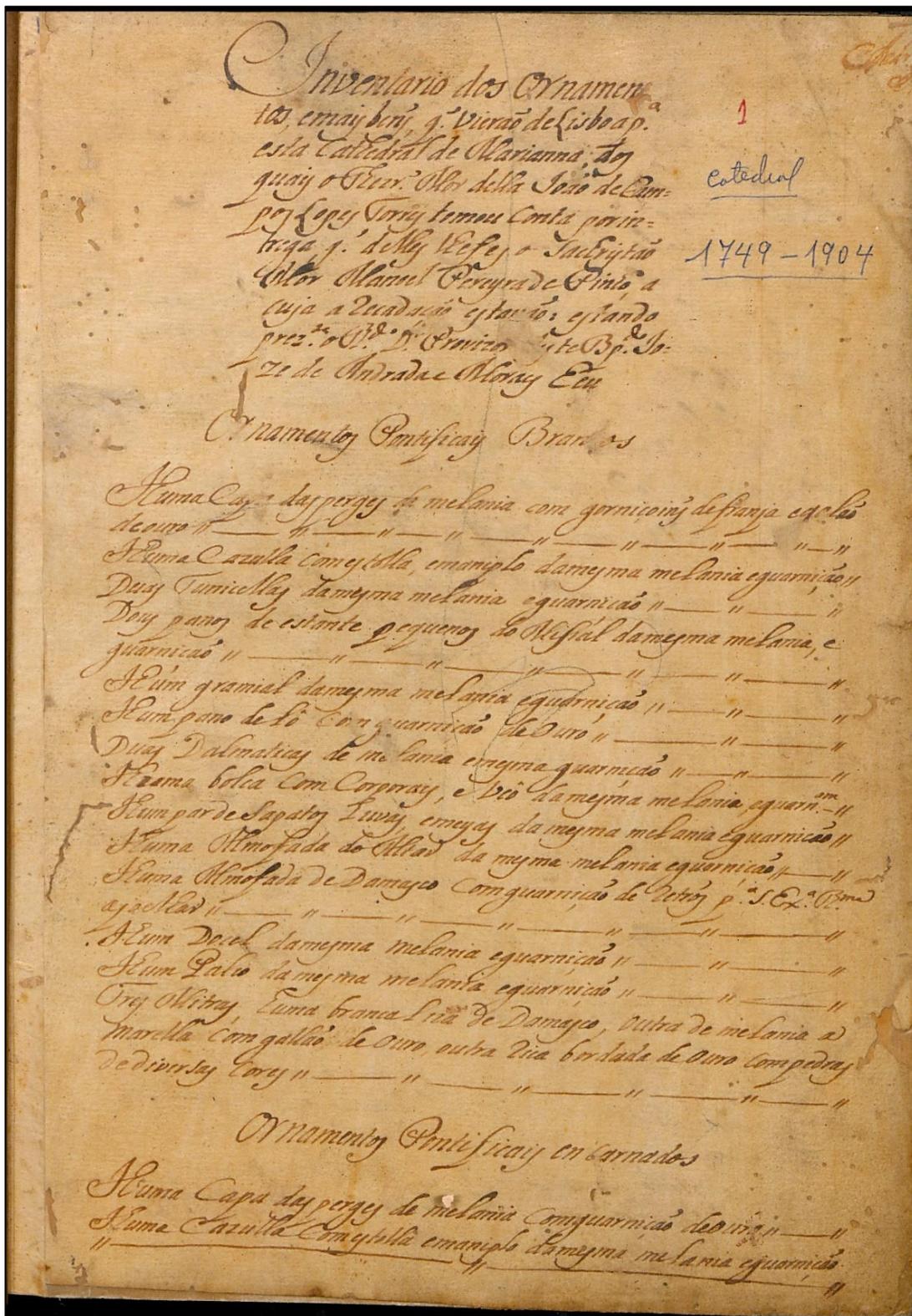


Figura 1: Edição fac-similar do fl. 1r
 Fonte: Livro de Inventários da Catedral de Mariana

||Fl. 1r||

[*ilegível*]

Inventario dos ornamen

tos, emaisben's, q' vieraõ de Lisboa p.^a

esta Cathedral de Marianna; aos

<<Catedral>>

quaiso Thezr.^o Mor della Joaõ de Cam=

<<1749 – 1904>>

pos Lopes Torres tomou conta por in=

trega q' delle(L) hefes o Sachristaõ

Mor Manoel Pereyra de Pinho, a

cuja a recadação esta(v) ao: estando

prez.^{te} T.^{do} D.^(r) rovizo(r) (des) te Bp.^{do} Jo=

ze de Andrada e Moraes Eeu

Ornamentos Pontificais Bran(c)os

Huma Ca(pa) das perges de melania com gorniçoins de franja e(g) alaõ
de ouro // -- // -- // -- // -- // -- // -- // -- // -- //

Huma Cazulla com estolla, emaniplo da mesma melania e guarnição //

Duas Tunicellas da mesma melania e guarnição // -- // -- //

Dous panos de estante pequenos do Missal da mesma melania, e

guarnição // -- // -- // -- // -- // -- // -- //

Húm gremial da mesma melania e guarnição // -- // -- //

Hum panodelo com guarnição de Ouro // -- // -- //

Duas Dalmaticas de m(e)lania e mesma guarnição // -- // -- //

Huma bolça com Corporais, e Veô da mesma melania, e guarn.^{am} -- //

Hum par de Sapatos Luvras, emeyas da mesma melania e guarnição //

Huma Almofada do Altar da mesma melania e guarnição // -- //

Huma Almofada de Damasco com guarnição de retrós p. ^a S. Ex.^a R.^{ma}

ajoelhar // -- // -- // -- // -- // -- //

Hum Docel da mesma melania e guarnição // -- // -- //

Hum Palio da mesma melania e guarnição // -- // -- //

Tres Mitras, hum brançalizade Damasco, outra de melania a

marella com gallaõ de ouro, outra rica bordada de ouro com pedras

de diversas cores // -- // -- // -- // -- // -- //

Ornamentos Pontificais encarnados

Huma capa das perges de melania com guarnição de ouro // -- //

Humacazullacomestollaemaniplo da mesma melaniaeguarniçaõ.
 //-----// ||

4 ALGUNS APONTAMENTOS

De maneira geral, o Primeiro inventário do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* possui uma escrita não tão difícil de se ler. Em relação ao tipo de escrita, em todo o texto, o escrivão padre Manoel Ferreira Coutinho faz uma mistura de forma e de caracteres cursivos como é possível perceber no exemplo a seguir:

(1)  <melania>

Outro recurso muito presente no manuscrito aqui apresentado são as abreviaturas. Por propormos uma lição conservadora e por acreditarmos que “as abreviaturas são língua, significam linguisticamente” (COHEN, 2016, p. 19), em nosso trabalho, não realizamos o desdobramento de nenhuma abreviatura, visto que elas merecem uma atenção especial. A seguir, apresentamos algumas ocorrências:

(2)  <oThezr.º>

(3)  <prez.^{te}>

(4)  <R.^{ma}>

(5)  <Ex.^a>

- | | | |
|------|--|----------------------|
| (6) | | <cid. ^e > |
| (7) | | <M. ^{na} > |
| (8) | | <p. ^a > |
| (9) | | <oR. ^{do} > |
| (10) | | <Bp. ^{do} > |
| (11) | | <S.> |

Apenas para pensarmos um pouco mais sobre a difícil tarefa de desenvolvimento de abreviaturas, mesmo com o auxílio de diferentes dicionários de abreviaturas, apresentamos o seguinte caso:

- | | | |
|------|--|--------------------------|
| (12) | | <eguarn. ^{am} > |
| (13) | | <eguarnição> |
| (14) | | <guarniçam> |

Comparando esses três registros – retirados do mesmo manuscrito, escritos pelo mesmo punho – verificamos uma ocorrência de polimorfismo gráfico². Em caso de desdobramento da abreviatura, essa variação gráfica geraria uma dúvida no editor para decidir qual forma escolher: guarn.^{am} = guarnição ou guarniçam? Nesse sentido, é preciso considerar que “não obstante todo o cuidado rigoroso por parte do editor” (MENDES, 2008, p. 162), “uma edição [mesmo que] diplomática já constitui uma interpretação subjetiva, pois deriva da leitura que um especialista faz do modelo” (CAMBRAIA, 2005, p. 94).

Outro fenômeno muito encontrado em diversos manuscritos, inclusive no primeiro inventário de bens registrado no *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*, é a segmentação não-convencional. Ora o escrevente estabelece uma escrita continua (hiposegmentação), ora ele estipula fronteiras onde não é esperado (hipersegmentação). Cagliari (2002), ao tratar desse fenômeno em textos de crianças, afirma que uma das possíveis causas para isso é o fato de a criança ter a fala como referência para a escrita. É possível que o mesmo ocorra com os escrivães setecentistas, sobretudo, porque não havia uma norma ortográfica fixa na época da escrita. Vejamos alguns exemplos:

(15)

<aCadeyra>

(16)

<eguarnição>

(17)

<domes>

(18)

<Sette Cen
tos>

² Para definir “polimorfismo gráfico” utilizamos o trabalho de Marcotulio, *et. al.* (2018, p. 140): “consiste em distintas possibilidades de grafar o mesmo vocábulo”.

(19)

<en
carnados>

No caso dos dados do século XVIII, é preciso levar em consideração também o instrumento utilizado para a escrita, que era a pena. Dada as peculiaridades desse objeto, o curso da escrita possui uma característica singular daquele período que pode influenciar no processo de segmentação das palavras.

5 APONTAMENTOS FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo maior contribuir para o conhecimento e a preservação de um documento – que o roçar do tempo vai gastando sem dó e que um dia poderá vir a desaparecer – valioso para a história da Arquidiocese de Mariana, em um sentido mais estrito, e para a história de Minas Gerais e do Brasil, em um sentido mais amplo. Sobretudo, porque Mariana foi a primeira vila, primeira cidade, primeira capital e primeira diocese de Minas Gerais e do interior do Brasil. Em sua totalidade, o *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* é uma fonte manuscrita indispensável a todos que queiram conhecer, tendo como base uma das principais igrejas de Minas Gerais, a arquitetura e ornamentação dos edifícios religiosos do período colonial. O tipo de edição que aqui apresentamos (diplomática ou conservadora) é o mais apropriado para se constituir um *corpus* para análises linguísticas.

Em virtude da limitação deste artigo, optamos por apresentar uma descrição codicológica geral apenas do primeiro inventário registrado no *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*. O restante do documento poderá ser apreciado, em breve, na nossa dissertação de mestrado, em desenvolvimento, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, V. L. C. (2003). **A escrita no Brasil colônia: um guia para a leitura de documentos manuscritos**. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco.
- CAGLIARI, L. C. (2002). **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione.
- CAMBRAIA, C. N. (2017). **Livro de Isaac: edição crítica da tradução medieval portuguesa da obra Isaac de Nínive**. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- CAMBRAIA, C. N. (2005). **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes.
- COHEN, M. A. A. de M. (2016). Pelos Caminhos de Minas: o Português nos Manuscritos da Estrada Real. **Revista Caletroscópio**. Mariana, v. 4, n. Especial. p. 8-26. ISSN 2318-4574. Disponível em: <<http://caletroscopio.ufop.br/index.php/caletroscopio/article/view/120/70>>. Acessado em: 02 jul. 2018.
- FLEXOR, M. H. M. O. (2009) Inventários e testamentos como fontes de pesquisa. In: CASIMIR, A. P. B. S.; LOMBARDI, J. C.; MAGALHÃES, L. D. R. (Org.). **A pesquisa e a preservação de arquivos e fontes para a educação, cultura e memória**. v. 1. Campinas / São Paulo: Alínea. p. 25-35.
- GAMA, M. (2017). Como ter leitores para sua pesquisa com manuscritos? **Manuscritica – Revista de Crítica Genética**, n. 32. p. 135-135. ISSN 1415-4498. Disponível em: <<http://www.revistas.fflch.usp.br/manuscritica/article/view/2813/2391>>. Acessado em: 04 jun. 2018.
- LOSE, A. D.; TELLES, C. M. (2017). Qual edição e o que editar. **A Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 18, n. 2. p. 271-293. ISSN 2594-9675. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1863/pdf>>. Acessado em: 20 jun. 2018.
- MARCOTULIO, L. L.; LOPES, C. R. dos S.; BASTOS, M. J. da M.; OLIVEIRA, T. L. de. (2018). **Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval**. São Paulo: Parábola.
- MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). (2001). **Para a História do Português Brasileiro: primeiros estudos**. v. 2, t. 2. São Paulo: Humanitas/FFLCH/FAPESP.
- MATTOS E SILVA, R. V. (2008). **Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola.
- MENDES, S. T. do P. (2008). **Combinações lexicais restritas em manuscritos setecentistas de dupla concepção discursiva: escrita e oral**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.